

‘Os brasileiros sempre foram muito criativos’

Banqueiro reconhece que os papéis se inverteram: ‘Os alunos viraram professores’

• Bill Rhodes costuma dizer que a experiência acumulada nas várias negociações com o Brasil tornou-se um dos grandes aprendizados de sua longa carreira.

— Os brasileiros sempre foram muito criativos. Eles nos surpreendiam com propostas inesperadas, como a da criação de um instrumento de redução da dívida. Às vezes nos desarmavam pois, no fundo, eram ideias sensatas, que acabaram sendo precursoras dos bônus Brady — disse ele ao GLOBO.

Pouco mais de duas décadas depois, Sergio Amaral, um dos negociadores, se regozija com “uma ironia histórica”:

— De lá pra cá o Brasil acumulou reservas fantásticas, enquanto o Citi e outros bancos quase quebraram, dependendo de injeções financeiras do Tesouro americano.

Rhodes encara a atual crise financeira, ainda latente nos

países ricos, como uma oportunidade dos bancos e financeiras em geral aprenderem a lição que pregavam — diretamente e via FMI — aos países credores: a necessidade de realizar reformas.

Ele próprio agora se curva a uma realidade que, em algumas palestras públicas, em conversas com outros banqueiros, e em entrevistas, procura reivindicar orgulhosamente como resultante de preceitos que anos atrás buscava incutir nas autoridades dos países devedores:

— Se algum país é capaz, hoje, de domar essa tempestade que estamos enfrentando, trata-se do Brasil. O que me incomoda é os Estados Unidos não terem aprendido com as lições da América Latina. Os EUA passaram décadas ditando regras. Acontece que os estudantes cresceram... e se tornaram professores. (José Meirelles Passos) ■